

A MÚSICA NA ATUAÇÃO DOS JESUÍTAS NA AMÉRICA PORTUGUESA

Marcos Holler
mholler@udesc.br
UDESC / UNICAMP

Resumo

O principal objetivo da Companhia de Jesus, fundada por Ignácio de Loyola, era o de levar a palavra de Cristo aos pagãos das terras recém-descobertas, e em 1549, apenas 9 anos após sua criação oficial, o padre jesuíta Manuel da Nóbrega chegou às terras brasileiras. No início da atuação dos jesuítas na América Portuguesa, a música foi utilizada extensivamente. Logo após a chegada no Brasil, os padres jesuítas perceberam no uso do canto e de instrumentos uma ferramenta eficiente na conversão de indígenas. A atração que estes exerciam sobre os índios era notória, e expressa em diversos documentos dos cronistas da Companhia de Jesus, desde o início da sua atuação até o séc. XVIII. A atuação musical continuou mesmo nos sécs. XVII e XVIII, quando a atenção dos jesuítas passou a se voltar mais para a atuação nos centros urbanos.

Para este trabalho foi realizado um levantamento de documentos jesuíticos dos sécs. XVI a XVIII, com o objetivo de recolher informações sobre a prática e o ensino musical nos estabelecimentos jesuíticos da América Portuguesa. Uma parte substancial dessa documentação constitui-se de manuscritos originais, encontrados em acervos brasileiros e portugueses, e sobretudo no Arquivo da Companhia de Jesus, em Roma.

Apesar de sua abundância, os documentos jesuíticos não nos oferecem uma visão completa e inequívoca, principalmente pelo fato de os eventos musicais não terem sido considerados pelos jesuítas como um dos elementos mais importantes a serem descritos; além disso as referências à música nos relatos são geralmente descrições breves e secundárias, que nos permitem apenas entrever esse cenário. A leitura dos documentos jesuíticos, porém, pode nos levar a informações relevantes sobre os primórdios da história da música no Brasil.

Palavras chaves: Jesuítas; Brasil colonial; História da música no Brasil

Abstract

The Society of Jesus was founded by Ignazio de Loyola in the 16th century, and his main goal was to bring the word of Christ to the pagans in the new discovered lands. In 1549, only nine years after the official creation of the Society, the Jesuit priest Manoel da Nobrega aported in the Brazilian shores. Soon after his arrival, he became aware of the power of music in the process of converting the Indians, and in the following decades, chant and musical instruments were extensively used by Jesuits in the Americas. The power of music to attract the Indians was very notorious, and is mentioned in several documents written by the reporters of the Society of Jesus, up to 18th century.

This work is based on Jesuitical documents from 16th and 18th centuries, and its purpose is to collect information about the practice and teaching of music in Jesuitical establishments in the Portuguese America. The major part of these documents exists only in manuscripts, found in Brazilian and Portuguese archives, and above all, in the Archivum Romanum Societatis IESU, in Italy.

Although they are very abundant, Jesuitical documents do not provide us with a complete and unmistakable vision of the musical world of the Jesuits in colonial Brazil, mainly because the musical events were not considered by the Jesuit priests as one of the most important subjects for their descriptions; besides, the references to music found in those documents are usually very brief. On the other hand, a careful reading of those documents can lead us to very relevant information about the beginning of the history of music in Brazil.

Fundada por Inácio de Loyola e criada oficialmente em 1540, a Companhia de Jesus tinha como principal objetivo disseminar a palavra de Cristo entre os pagãos, o que levou os jesuítas a outros continentes no séc. XVI. Em março de 1549, nove anos após a criação oficial da Companhia, o padre jesuíta Manuel da Nóbrega aportou na Bahia com a armada de Tomé de Souza, dando início à atuação dos jesuítas nas Américas. Nos dois séculos que separaram sua chegada até a expulsão dos padres, em 1759, essa atuação foi intensa.

A catequese dos índios não foi a única forma de atuação da Companhia de Jesus na Colônia, apesar de ter sido o principal motivo de sua vinda. Os jesuítas se voltaram também para a educação da população dos centros urbanos que começavam a surgir, e os colé-

gios aos poucos passaram a oferecer formação superior, além dos ensinamentos básicos de ler e escrever. Com os colégios e seminários (e suas bibliotecas, praticamente as únicas na época), os jesuítas estabeleceram no Brasil uma importante rede de ensino em um período no qual não existiam imprensa, circulação de livros ou universidades.

A atuação dos jesuítas foi ainda de grande interesse para a Coroa portuguesa, pois ocupavam e defendiam áreas disputadas com a Espanha, e até o momento de sua expulsão os jesuítas haviam ocupado toda a costa do Brasil, desde Belém do Pará até Laguna, em Santa Catarina, e haviam também estabelecido aldeias no interior da Amazônia.

No Brasil os padres logo perceberam na música um meio eficaz de sedução e convencimento dos indígenas, e embora a Companhia de Jesus tivesse surgido em meio ao espírito austero da Contra-Reforma, e seus regulamentos fossem pouco afetos à prática musical, referências à música em cerimônias religiosas e eventos profanos, realizada sobretudo por indígenas, são encontradas em relatos desde pouco tempo depois da chegada dos jesuítas no Brasil até sua expulsão em 1759. A atuação musical dos jesuítas certamente influenciou a formação da cultura brasileira ou de identidades culturais regionais, porém é difícil determinar até que ponto isso ocorreu, principalmente devido à pouca atenção que o tema até agora recebeu de pesquisadores, apesar de sua importância.

Para este trabalho foi realizado um levantamento de documentos jesuíticos dos sécs. XVI a XVIII, com o objetivo de recolher informações sobre a prática e o ensino musical nos estabelecimentos jesuíticos da América Portuguesa. Uma parte substancial dessa documentação constitui-se de manuscritos originais, encontrados em acervos brasileiros e portugueses, e sobretudo no Arquivo da Companhia de Jesus, em Roma. Todos estes documentos serão transcritos e apresentados em anexo ao trabalho final, fornecendo assim subsídios para ulteriores pesquisas.

A atuação musical dos jesuítas no início da colonização do Brasil

No início da atuação dos jesuítas na América Portuguesa, a música foi utilizada extensivamente. Logo após a chegada no Brasil, os padres jesuítas perceberam no uso do canto e de instrumentos uma ferramenta eficiente na conversão de indígenas. A atração que estes exerciam sobre os índios era notória, e expressa em diversos documentos dos cronistas da Companhia de Jesus, desde o início da sua atuação até o séc. XVIII. Em uma carta ao P.

Simão Rodrigues, de 1552, o P. Nóbrega se refere ao efeito provocado por meninos índios que cantavam e tocavam instrumentos: "Os mininos desta casa acostumavão cantar pelo mesmo toom dos Indios, e com seus instrmentos, cantigas na lingua em louvor de N. Senhor, com que se muyto athraião os corações dos Indios..." (MNC, 1552). As ordens do Padre Visitador Cristóvão de Gouveia de 1586 incluem o ensino da música aos índios:

“Auiendo moços de escuela los enseñáran por espacio de hora, y media, assi ala manana omo a la tarde, a leer, y escreuir, y despues de esso cantar alos que pareciere que tienen habilidad pra esso auiendo quien lo sepa hazer, [...].Quitense las malas costumbres delos Indios, como auer excessos en los uinos, y bailes de noche, y las buenas se conseruen, como dizirse la Salue los sabados, y las disciplinas, y processiores de quaresma, y alomenos en las quatro principales fiestas siuuiere cantores Missa cantada para consuelo de los Indios, y aug.to dela Christiandad, ...” (CGV, 1586, f. 146)

Uma questão relevante para o estudo da atuação musical dos jesuítas nas Américas é a notória diferença entre a documentação sobre as missões espanholas e as portuguesas. Apesar da abundância de referências à prática musical no Brasil em textos do séc. XVI, essa prática não teve aqui o mesmo desenvolvimento que nas reduções jesuíticas espanholas.

A atuação musical dos jesuítas na América Espanhola deixou vários legados, como partituras, instrumentos e representações iconográficas, o que permite uma reconstrução mais precisa da música do período. O repertório produzido nas reduções espanholas encontra-se disponível em várias publicações e gravações, e não se restringe somente a peças litúrgicas, mas inclui óperas e exercícios para instrumentos de teclado. A influência da atuação jesuítica manifesta-se na cultura popular ainda hoje, e ainda no séc. XX encontravam-se índios construindo instrumentos segundo o modelo jesuítico.

Entretanto, diferentemente do que ocorreu na América Espanhola, as únicas fontes sobre a atuação musical dos jesuítas no Brasil colonial disponíveis até o momento consistem de documentos textuais, e algumas referências iconográficas. A abundância de documentação sobre música não é a única diferença entre as reduções espanholas e portuguesas; apesar de encontrarem-se sob os mesmos ideais e de serem irmãos de fé, questões políticas levaram os jesuítas a não se estabelecerem da mesma forma nas colônias portuguesas e espanholas, o que fez com que sua atuação fosse diferente sob diversos aspectos; desse modo, o estudo das atividades dos jesuítas na América Portuguesa não pode em regra tomar como modelos os eventos da América Espanhola.

Na América Espanhola os padres jesuítas levaram a cabo seu ideal de catequização e proteção dos índios, e as missões se formaram no interior do continente, buscando o isolamento do contato com o homem branco, de modo que no séc. XVIII as reduções eram comunidades fechadas e praticamente auto-suficientes. Sua independência passou inclusive a incomodar a Coroa Espanhola, constituindo um dos motivos para a expulsão dos jesuítas em 1759. Na América Portuguesa, por outro lado, os jesuítas estabeleceram-se acompanhando a ocupação portuguesa, próximo ao litoral e a centros urbanos. No séc. XVI alguns estabelecimentos surgiram em regiões isoladas, porém mais tarde deram origem a centros urbanos, como os Colégios de São Paulo e do Rio de Janeiro. Nos sécs. XVII e XVIII os estabelecimentos maiores fixaram-se em centros já formados ou em formação, como os Colégios do Pará e de Maranhão, e os seminários. Também as aldeias se formavam vinculadas a um colégio, e não eram muito distantes destes, e do contato com o homem branco. Leite descreve as diferentes formas de atuação de espanhóis e portugueses:

A confusão histórica ainda é maior, com a suposição implícita de que as Aldeias da Companhia de Jesus, no Paraguai e no Brasil, foram uma e a mesma coisa. Não foram. As Aldeias do Brasil e do Paraguai tiveram diversa origem, organização e finalidade.

No Brasil, desde o Sul ao Pará, o primeiro passo da civilização actual foi a fundação de 'vilas' e 'cidades', com organização portuguesa, cristã e municipal, ou pré-municipal como em S. Paulo. Ao redor das vilas e cidades agruparam-se as 'aldeias' dos Índios, com tríplice fim: - doutrinário (a catequese), económico (o serviço dos Índios), político (a intenção de utilizar os Índios aldeados na defesa das vilas e cidades contra os Índios não confederados ou contra os inimigos externos). Ou seja: educação, pela doutrina cristã; educação, pelo trabalho; educação, pelo sentimento de solidariedade, germe unitivo de uma pátria em formação, em cujos quadros, para honra do Catolicismo ou universalismo dos Colonizadores Portugueses, foram admitidos os Índios. [...]

No Paraguai, a maneira foi diversa. As Aldeias fundaram-se (muito depois das do Brasil) no coração da selva, com intenção apenas doutrinária, e logo a seguir económica, agrícola, pecuária, industrial e artística, por necessidade de subsistência e desenvolvimento da colectividade. Apenas dois elementos das Aldeias jesuíticas do Brasil: educação pela doutrina, educação pelo trabalho. Não corresponderam a nenhuma intenção política de defesa de cidades, então aí inexistentes. (Leite, 1938-1949, vol. 6, pp. 552-553)

As diferentes formas de colonização e de estabelecimento dos jesuítas refletiu-se drasticamente na produção musical das duas colônias, e esse fato se evidencia nos textos da época. Os últimos capítulos da *História da Companhia de Jesus*, do Padre José de Moraes, descrevem as aldeias dos jesuítas ao longo do Amazonas, até o Peru. As descrições das

primeiras aldeias na América Espanhola mostram como a riqueza dos instrumentos chama a atenção do cronista:

“Subindo o rio [Itenês ou Guaporé] acima, em distância de trinta léguas, se encontra da parte oriental ou esquerdo do rio a missão ou aldeia de S. Miguel, que se diz tem para cima de quatro mil almas. É governada pelos padres da Companhia da Província do Peru, e atualmente é missionário dela o Padre Gaspar de N.... já muito velho, o qual fala oito línguas diferentes de índios, e tem reduzido muitos à nossa santa fé. Fabricam estes índios panos de algodão e açúcar. Têm na sua igreja muitos instrumentos, como órgão, harpa, etc., que sabem tocar os mesmos índios.” (Morais, 1987 [1759], pp. 363-364)

A produção musical diferenciada das reduções espanholas é evidente em uma carta ânua escrita em 1628 pelo Padre Antônio Ruiz, do Guairá, região do atual Paraguai, ocupada por padres espanhóis. A carta menciona a ida de um clérigo de São Paulo à redução de Santo Inácio e sua fascinação pela música ali praticada, a ponto de trazer de volta para sua terra “alguma música”:

La musica tambien se a aventejado mucho que por entender que lo que sabian bastaba no se cuidaba de que pasasen adelante. Cantan a tres coros, y componem en los violones en los quales tambien estan diestros. Vino a estas reducciones un clerigo ordenante de la vi.a de S. Pablo con deseo de acabarse de ordenar en el Paraguay [.Vol]viose por non averlo bispo, y mui maravillado de ver la policia de los Indios y de oir la musica con averla buena en su terra ya si llevo alguna musica. (ARA, 1628, f. 1v)

A obra *Tesouro descoberto no Amazonas*, escrita pelo Padre João Daniel entre 1757 e 1776, apresenta uma extensa descrição do Amazonas e de detalhes práticos das missões e dos indígenas. Nesse relato, extremamente elucidativo, o Padre João Daniel mostra de forma explícita como a diferença entre a prática musical nas colônias de domínio português e de domínio espanhol foi determinada pela forma com que os índios eram colonizados:

...com eles responderei a um reparo, que fazem muitos, perguntando qual seja a razão porque nas missões espanholas, se façam com tanto festejo espiritual os Ofícios Divinos, e com tanta remissão nas portuguesas? e como para os descimentos dos índios bravos, e salvages haja tanta dificuldade nos estados portugueses, e tanta facilidade nos espanhóis? Agora responderei ao reparo com descrever dous dos maiores inconvenientes, que trazem anexos a repartição dos índios ao serviço dos brancos. O 1º é o não poderem celebrar-se com o decoro necessário os Ofícios Divinos suposta a repartição dos índios; e a causa é: porque com a repartição dos índios, não ha índios estáveis nas aldeias; todos estão expostos a marcharem para fora a maior parte do ano.

Desta sorte não se podem insinar os mininos, e muito menos os adultos a música, nem instrumentos músicos, porque é trabalho perdido: Que vale cansar-se um

missionário a ensinar os seus neófitos a cantar a missa, a celebrar um ofício, a tocar alguns instrumentos se eles chegando a ser capazes de oficiarem nas igrejas se obrigam a ir remar canoas, e trabalhar para os brancos? [...] Não assim nas missões castelhanas, onde os índios são estáveis, bem como qualquer povoação de brancos da Europa, e por isso os ensinam os seus missionários, aprendem solfa, aprendem instrumentos músicos, celebram nas igrejas com muita solenidade os Ofícios Divinos aproveitam-se nas artes mecânicas, e finalmente bem logra-se, o que se lhes ensinam. (JDT, 1757-1776, tomo 2, pp. 210-211)

A mesma informação se encontra na *Crônica da Companhia de Jesus* do Padre Domingos de Araújo. O autor menciona a habilidade dos índios das missões brasileiras em cantar, apesar de os missionários não conseguirem ensiná-los por estarem sempre trabalhando para os brancos, diferentemente do que ocorre com os indígenas das missões do México:

O genio pois e ingenio dos Indios deste estado hé o mesmo que dos Indios de Mexico. So em huma partida não está provado no ler, escrever, cantar todo o genero de canto, e no estudo, e pericia da lingua latina. Porque ainda athe agora os não applicaraõ os missionarios a estes exercicios e artes; nem a mui pouca residencia que fazem nas suas aldeias em rasaõ de andarem quase toda a vida com o remo na mão, servindo a Ministros de El Rei, e a moradores em trato successivo, a isto dá lugar por estarem suas aldeas a maior parte do anno desertas; mas ainda que não foraõ ensinados, mostraõ mui boa habilidade para cantar, quando aos Sabbados se canta a Salve, Ladainhas Lauritanas de Nossa Senhora, e nos dias Santos, e festivos, e nas Quintas feiras - *Tantum ergo Sacramentum* - desde o levantar da hostia e quando o Senhor se leva aos Infernos. (DAC, 1720, f. 77)

Apesar de sua abundância, os documentos jesuíticos não nos oferecem uma visão completa e inequívoca, principalmente pelo fato de os eventos musicais não terem sido considerados pelos jesuítas como um dos elementos mais importantes a serem descritos; além disso as referências à música nos relatos são geralmente descrições breves e secundárias, que nos permitem apenas entrever esse cenário. A leitura dos documentos jesuíticos, porém, pode nos levar a informações relevantes sobre os primórdios da história da música no Brasil.

Bibliografia

CASTAGNA, Paulo Augusto. A música como instrumento de catequese no Brasil dos sécs. XVI e XVII. In: *Confronto de culturas: conquista, resistência, transformação*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura; São Paulo: EDUSP, 1997. Pp. 275 a 290.

_____. Fontes bibliográficas para a pesquisa da prática musical no Brasil nos séculos XVI e XVII. Dissertação de mestrado. São Paulo: USP, Escola de Comunicação e Artes, 1991.

HOORNAERT, Eduardo. *A Igreja no Brasil-colônia (1550-1800)*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

LEITE, Serafim S.J. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. 10 vols. Lisboa: Livraria Portugália; Rio de Janeiro: Civilização Brasileira e Instituto Nacional do Livro, 1938-1949. Edição especial: Rio de Janeiro: Itatiaia, 2000.

STUDART, Guilherme. *Documentos para a história do Brasil e especialmente do Ceará*. 4 vols. Fortaleza: Typographia Studart (vol. 1) e Typographia Minerva (vols 2 a 4), 1904, 1909, 1910, 1921.

WEHLING, Arno; WEHLING, Maria José C. de. *Formação do Brasil Colonial*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

Documentos

ARA, 1628. Carta ânua do Padre Antônio Ruiz, superior da Missão do Guairá, dirigida ao Padre Provincial Nicolau Duran. 1628. Original na Biblioteca Nacional. Publicada em *Manuscritos da Coleção de Angelis I - Jesuítas e Bandeirantes no Guairá (1594-1640)*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, Divisão de Obras Raras e Publicações, 1951. Pp. 259 a 298. Versão utilizada: documento original.

AVR, 1659. Relação da Missão da Serra de Ibiapaba, pelo Padre Antônio Vieira. S/l, 1659. Publicado em: *Revista do Instituto do Ceará*, 18:86-138, 1904. Versão utilizada: publicação em *Obras escolhidas do P.e António Vieira*. Vol V. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1951. Pp. 72-134.

CGV, 1586. Visita do Padre Cristóvão de Gouveia. S/l, s/d. Original no *Archivum Romanum Societatis JESU (ARSI)*, Bras. 2, ff. 139v-147v. Versão utilizada: documento original.

DAC, 1720. Crônica da Companhia de Jesus da Missão do Maranhão pelo Padre Domingos de Araújo. S/l, 1720. Original na Biblioteca Pública de Évora, códice CXV/2-11, ff. 209-331v. Cópias manuscritas na Biblioteca Nacional e no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Versão utilizada: cópia da Biblioteca Nacional.

HPM, 1770. História da Vice-Província do Maranhão do ano 1607 a 1700. S/a. Roma, 18 de agosto de 1770. Original no Instituto de Estudos Brasileiros (USP-SP). Segundo Serafim Leite, o autor é o Padre Matias Rodrigues. Versão utilizada: documento original.

JDT, 1757-1776. Tesouro descoberto no Amazonas, pelo Padre João Daniel. Lisboa, 1757-1776. Original na Biblioteca Nacional. Versão utilizada: publicação nos *Anais da Biblioteca Nacional*, 95 (tomos I-II), 1975; tomo I, pp. 7-40, tomo II, pp. 27-437.

MNC, 1552. Carta ao P. Simão Rodrigues. P. Manuel da Nóbrega, [Bahia, julho de 1552]. Cópia no ARSI, Bras. 15, ff. 62r-63r, de original perdido. Publicada em Leite, *Monumenta Brasiliæ I*, pp. 367-375. Versão utilizada: transcrição em Castagna, 1991, vol. 2, p. 39.

Morais, 1987 [1759]. História da Companhia de Jesus na extinta província do Maranhão e Pará. Padre José de Moraes, Colégio do Pará, 1759. Versão utilizada: publicação integral da obra. Rio de Janeiro: Editorial Alhambra, 1987.